**A Série *As Cartas de Campos de Carvalho* (1973-1974)
no Semanário *O Pasquim***

**The Series *As Cartas de Campos de Carvalho* (1973-1974)
in the Weekly Paper *O Pasquim***

Arthur Barboza Ferreira*

RESUMO: Campos de Carvalho, autor de *A lua vem da Ásia*, é conhecido sobretudo como romancista. No entanto, também publicou na imprensa. Escreveu para o jornal paulista *A Plebe* entre 1934 e 1935 e, mais notavelmente, para o semanário carioca *O Pasquim* entre 1973 e 1977. Este artigo contempla sua primeira série de crônicas, *As Cartas de Campos de Carvalho*, publicada entre dezembro de 1973 e abril de 1974, procurando responder à seguinte pergunta: levando em conta as características do semanário carioca, quais sentidos podem ser depreendidos da série?

PALAVRAS-CHAVE: Campos de Carvalho; Crônicas; Imprensa; *O Pasquim*.

ABSTRACT: Campos de Carvalho, author of *A lua vem da Ásia*, is best known as a novelist. However, he has also published in the press. He has written for the São Paulo newspaper *A Plebe* between 1934 and 1935 and more notably to the Rio de Janeiro weekly paper *O Pasquim* between 1973 and 1977. This article covers his first series of “crônicas,” *As Cartas de Campos de Carvalho*, published between December 1973 and April 1974, seeking to answer the following question: taking into account the characteristics of the Rio de Janeiro weekly paper, what meanings can be drawn from the series?

KEYWORDS: Campos de Carvalho; Crônicas; Press; *O Pasquim*.

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Bolsista do CNPq. E-mail: arthurbarbozaf@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1084-8964>.

1 Introdução: Campos de Carvalho na imprensa

O escritor mineiro Campos de Carvalho (1916-1998) permanece relativamente desconhecido, sendo lembrado como autor dos romances *A lua vem da Ásia* (1956), *Vaca de nariz sutil* (1961), *A chuva imóvel* (1963) e *O púcaro búlgaro* (1964)¹. Campos de Carvalho, no entanto, deixou também uma produção vinculada à imprensa, de volume considerável, pouco contemplada por seus estudiosos². Ele publicou no paulistano *A Plebe*, entre 1934 e 1935, e, mais notavelmente, no carioca *O Pasquim* entre 1973 e 1977. Para *O Pasquim*, produziu entre 50 e 60 textos, a maioria pertencente às séries de crônicas *As Cartas de Campos de Carvalho* – 11 textos (1973-1974)³ – e *Os Anais do Campos de Carvalho* – cerca de 40 textos (1974-1975)⁴. O presente artigo tenciona fazer uma análise dessa primeira série de 11 textos.

¹ Malgrado sua literatura ocupe lugar relativamente ignoto no campo literário brasileiro, sua recepção mudou perceptivelmente nas últimas duas décadas. Em recente dissertação de mestrado, Thalita Cristina Silva (2018, p. 32) nota um aumento de interesse pelo autor, agora mais presente em espaços institucionais como escolas e universidades, e pondera: “talvez ele não seja mais tão marginal quanto imaginávamos”. Com efeito, à parte seus dois primeiros livros, jamais reeditados – *Banda Forra: ensaios humorísticos* (1941) e *Tribo* (1954) –, constata-se um aumento paulatino de interesse por sua obra. Vincula-se, amiúde, esse aumento de interesse às reedições de seus quatro últimos romances pela editora José Olympio, a partir de 1995. Desde então, sua obra angariou número maior de leitores e passou a ser mais difundida e estudada. Do ano 2000 para cá, observa-se a produção de algo em torno de 25 trabalhos longos de pós-graduação (dissertações e teses) acerca de sua obra, em contraste com apenas uma dissertação anterior a esse período. Conforme Juliana Pacheco Oliveira Neves (2019, p. 8), “Uma pesquisa no banco de dissertações e teses CAPES/CNPQ mostra apenas um resultado de trabalho publicado anteriormente ao relançamento das obras [pela José Olympio]”. Assim, vê-se que a situação mudou.

² Essa produção é contemplada em certo grau por Geraldo Noel Arantes (2005; 2010) e Caroline Rafaela Heck (2015). Esses estudiosos dão importantes contribuições para o conhecimento atual sobre a obra do autor mineiro, porém não exploram a fundo sua produção vinculada à imprensa. Heck (2015) faz um (admirável) levantamento de cerca de 50 textos do autor escritos para *O Pasquim*, anexando fotocópias de todos eles à sua tese; todavia, seu trabalho concentra-se numa investigação sobre a recepção do autor mineiro através do que se escreveu sobre ele na imprensa e de suas entrevistas concedidas, sem deter-se no estudo de suas crônicas. Quanto a Arantes (2005; 2010), apenas parte de suas investigações se detêm nas produções do autor mineiro como cronista, constituindo estudo não detalhado. Apesar das prestimosas contribuições mencionadas, percebe-se que jamais se fez um levantamento sistemático da produção carvalhiana a *O Pasquim*. Para ilustrá-lo, pode-se acrescer aos levantamentos desses autores o “Bilhete aberto a um professor de fisiologia e doenças pulmonares” – ver Carvalho (1974d) –, não mencionado nos trabalhos de Arantes e Heck.

³ Ver Carvalho (1973; 1974a; 1974b; 1974c; 1974e; 1974f; 1974g; 1974h; 1974i; 1974j; 1974k).

⁴ Em 2006, 21 das crônicas do autor a *O Pasquim* foram enfileiradas em livro – ver Carvalho (2006).

Convém, contudo, a título de introdução, tratar um pouco da escrita do autor mineiro n’*A Plebe*. Como ocorre com tantos escritores, Campos de Carvalho inicia suas publicações na imprensa e não no livro. Como nota Cristiane Costa (2005, p. 351), “a lista de escritores que deram seus primeiros passos no jornal é aparentemente infinita”. No caso de Campos de Carvalho, sua produção vinculada à imprensa não foi contínua. Há algumas publicações de textos para a imprensa antes de seu primeiro livro, publicado em 1941; há ao menos a publicação de um conto na imprensa, ao longo de seu período como romancista – ver Carvalho (1960); e há a produção já mencionada nos anos de 1970, década a partir da qual o escritor cessa de publicar livros. Assim, Campos de Carvalho escreve para a imprensa antes, durante e depois de sua produção bibliográfica.

Suas contribuições para *A Plebe* se dão aos seus 17 e 18 anos de idade, de 1934 a 1935. A seguir, registramos um exemplo dessa produção, um trecho de seu texto intitulado “O século da criança”, cujas aspas do título são índice de polifonia, remetendo a uma expressão vinda da burguesia:

A classe burguesa chama de “Século da criança” a este nosso século em que os filhos dos proletários impelidos pela necessidade, desde cedo [sic], se vêem [sic] de braços com o trabalho social. Essa subtração da criança ao seio da família proletária (se é que se pode ainda falar, hoje, em “família proletária”), para o rude trabalho das máquinas ou dos campos, ela, a classe burguesa, a explica e a louva como sendo a “descoberta da criança”, dos grandes dotes até hoje desprezados [sic] das crianças, descoberta, feita pela burguesia. E sustenta que não é o caso de nós outros, proletários, estarmos aí a gritar contra a admissão de nossos filhos pequenos nas indústrias, pelo simples fato de serem eles pequenos [...]. (CARVALHO, 1934, p. 2)

A citação evidencia a filiação política do escritor, não só por suas palavras críticas acerca da burguesia, mas também pelo próprio suporte onde as publica – o jornal anarquista *A Plebe*. A julgar pela leitura de alguns exemplares de 1934 e 1935, esse jornal é marcado por um tom indignado e combativo. Anticlerical, ataca a religiosidade e propõe o ateísmo como alternativa. O jornal também combate qualquer regime autoritário, concentrando suas críticas, como é de se esperar, em tendências de direita, como o integralismo brasileiro à época; por outro lado, significativamente, nem o regime comunista da URSS escapa de suas críticas, por não corresponder, na perspectiva do jornal, à concretização plena do programa revolucionário.

Esses dados são importantes, já que, quando considerados em face das obras mais conhecidas do autor, se percebe, entre o escritor jovem e o maduro, tanto continuidade – a crítica a várias facetas do *establishment* – quanto ruptura – o abandono de projetos políticos coletivos –, tornando perceptível uma evolução e um câmbio em sua produção, o que evidencia um escritor multifacetado. O abandono de projetos políticos coletivos por parte do escritor parece se manifestar a partir da década de 1950, época em que ele sublinha seu compromisso com sua arte, em detrimento de qualquer projeto político *stricto sensu*. Seu romance *A lua vem da Ásia*, de 1956, sinaliza esse abandono. O humor implacável na obra – e em várias subsequentes – é inseparável de uma atividade estética hábil e rigorosa, um humor que alveja não só o Estado burguês violento reproduzido na maior parte do mundo, mas um humor que, volta e meia, também zomba do comunismo e do próprio anarquismo⁵. Por causa dessa postura, nessas décadas e noutras ainda por vir, Campos de Carvalho será apontado como alienado por figuras da esquerda⁶, por não fazer, em resumo, uma arte atendendo a um projeto político comunista.

Quando volta a contribuir periodicamente para a imprensa, décadas depois, n’*O Pasquim*, publica uma série chamada *As Cartas de Campos de Carvalho*. Sem tardar, vem sua série mais longa, *Os Anais do Campos de Carvalho*, aberta com as seguintes palavras:

Ao penetrar nestes Anais [...] outra intenção não tenho senão silenciar os hemorroidários do pensamento que vivem a acoirar-me de alienado (mental) ou de alienígena, indiferente aos problemas do Leblon e do Universo – como se todo ficcionista no fundo não passasse de um contador de histórias e, portanto, de historiador. *Homo sum, humani nihil a me alienum puto* – como já dizia o velho Terêncio [...] e como ele também quero que estes escritos reflitam não apenas o meu rosto como principalmente o espelho que me reflete, isto é, todo o século XX – quer se trate de Pindamonhangaba ou de Paris. (CARVALHO, 1974], p. 21)

⁵ Jorge Amado (2008, p. 11) nota, a respeito de um dos romances do escritor mineiro, *A chuva imóvel* (1963), uma “crítica implacável do autoritarismo, dos regimes de opressão”, um “canto despido de qualquer retórica e de qualquer limitação ideológica”. No prefácio à tradução francesa de *A lua vem da Ásia*, o escritor baiano observa que a literatura de Campos de Carvalho está “bem além das convenções restritivas do que se convencionou chamar literatura social” (AMADO, 1976, p. 10). Para fornecer um exemplo do que Amado considera, nesse romance, há um capítulo, intitulado “C”, em que retrata, com humor, uma intentona comunista fracassada.

⁶ Como o teria feito o cineasta Glauber Rocha, num artigo a’*O Pasquim*, segundo Antonio Prata (2006).

A julgar pelo trecho, sua produção nos *Anais*, em contraste com sua série anterior (e seus livros), buscaria aproximar-se de uma escrita menos artística, almejando alcançar um nível “ao rés-do-chão”, tratando de questões atinentes ao Brasil. As palavras do autor transparecem uma visão dicotômica. A seu ver, sua série anterior, *As Cartas de Campos de Carvalho*, estava mais próxima da ficção, ao passo que a debutante estaria mais próxima da referencialidade, isto é, do que ele chama de “todo o século XX”.

A intenção deste trabalho é contemplar sua primeira série de crônicas. Contudo, vale fazer observações acerca do suporte em que Campos de Carvalho publica essas crônicas, o semanário *O Pasquim*, e o contexto em que se dão tais publicações.

2 O Pasquim (1969-1991)

O que é um pasquim? Nelson Werneck Sodré (1999) dedica toda uma longa seção de sua *História da Imprensa no Brasil* ao pasquim, ao tratar do período de regência (1831-1840). Sodré explica que, àquela época, entre as décadas de 1820 e 1830, tratava-se de um pequeno jornal de cunho político, geralmente de duração efêmera, e via de regra redigido por um só redator. Segundo Sodré (1999, p. 165),

[o] pasquim não tinha sentido comercial; sua venda não se destinava ao sustento do redator. Não eram fim – eram apenas meio de ação, e dos mais terríveis. Um dos traços mais destacados na corrente nacional do pasquim foi, sem dúvida, o jacobinismo.

O conteúdo do pasquim era marcadamente político, propalando as ideias de seu tempo. Sodré (1999, p. 170) observa que:

a difusão de ideias republicanas, por exemplo, eram [sic] consideradas subversivas. Elas foram impressas, entretanto, e serviram de base a processos que terminaram, em muitos casos, pela [...] prisão de jornalistas.

Saltando para o contexto do último regime militar brasileiro (1964-1985), emerge o semanário carioca nomeado *O Pasquim*. Ele apresenta continuidades e rupturas com a forma de imprensa do período de regência. Como ruptura fundamental, o semanário é produzido por vários redatores e vários desenhistas, marcado por uma pluralidade de vozes e, conseqüentemente, pela coexistência de opiniões contrastantes, insubordinadas a uma única visão política, a uma ortodoxia, favorecendo, assim, uma relativa discrição quanto à sua oposição ao regime militar, fator que tornará possível a sobrevivência do semanário, ainda que precária em mais de um momento.

Em sua tese adaptada para livro, Bernardo Kucinski (2018) vincula *O Pasquim* à chamada imprensa alternativa. A expressão “imprensa alternativa”, explica Kucinski (2018, p. 11), foi consagrada “como exemplo de algo que se contrapõe a interesses e tendências dominantes” e o adjetivo *alternativo* tem a acepção “daquilo que tem o poder de alterar”⁷. Alterar o quê, no caso? A sociedade. O estudioso nota, também, que outras expressões, às vezes, são usadas no lugar de imprensa alternativa, como “imprensa nanica” ou “imprensa *underground*”. Segundo ele, a expressão “imprensa nanica” foi inspirada no formato tabloide dos jornais e disseminada sobretudo por publicitários, no período em que eles se deixaram cativar por esses jornais (KUCINSKI, 2018, p. 11). Eventualmente, muitos publicitários deixam de se vincular à imprensa alternativa, pois ela passa a ser considerada “subversiva”, “comunista”, “hostil à família e aos bons costumes”. O Ato Institucional nº 5 – AI-5 –, decretado em dezembro de 1968, agravou esse quadro. Com as várias prisões de membros da redação d’*O Pasquim* nos anos iniciais da década de 1970, o apoio publicitário ao jornal, outrora abundante – podendo ocupar cerca de 25% de seu espaço⁸ –, tornou-se nulo ou quase nulo por algum tempo. Além de evitarem o “estigma” de comunistas etc., os publicitários costumavam ser pressionados no sentido de não

⁷ O termo “imprensa alternativa” é um tanto maleável, podendo ser empregado para designar manifestações da imprensa brasileira em diferentes épocas. Segundo Kucinski (2018, p. 19), “Apesar de complexo, o fenômeno alternativo teve contornos nítidos no tempo, como outros surtos da história do nosso jornalismo, entre os quais o dos pasquins irreverentes e panfletários do período da Regência, que atingiu o seu apogeu em 1830 com cerca de cinquenta títulos, e o dos jornais anarquistas de operários, meio século depois (1880-1920), com quase quatrocentos títulos”.

⁸ Acerca desse apoio publicitário, ver José Luiz Braga (1991).

anunciarem nos jornais alternativos e costumavam ceder às pressões, explica Kucinski (2018). Afinal de contas, uma atmosfera de medo contaminava a sociedade, medo de fazer qualquer oposição ao regime, medo de uma retaliação violenta: pessoas eram perseguidas, sequestradas, torturadas, mortas e desaparecidas⁹.

Kucinski (2018) divide os jornais alternativos didaticamente em duas classes: os de cunho marxista, mais incisivamente políticos, de cunho doutrinário; e os de cunho existencialista, marcados pela contracultura, por certo orientalismo, e mais voltados à crítica dos costumes. Ambos, contudo, mostram certo comprometimento com o contingente, o que se passa na política do momento. *O Pasquim* se enquadra na classe existencialista, atuando pesadamente na crítica de costumes. Segundo Kucinski (2018, p. 13), *O Pasquim*

[m]udou hábitos e valores, empolgando jovens e adolescentes nos anos de 1970 [...]. Mas mesmo esses jornais alternativos de raízes existencialistas atuavam no plano da contingência política opondo-se ao regime até mais visceralmente do que os marxistas [...]. Nesse plano, mantinham-se nos marcos de uma cultura convencional de esquerda e da crítica intransigente.

Boa parte dos jornais da imprensa alternativa, os mais incisivamente políticos, perecem nos anos sob AI-5. *O Pasquim* é relativamente moderado e mais multifacetado, o que parece conferir-lhe, comparativamente, maiores chances de sobrevivência, ainda que precária em vários momentos. Sobre essa precariedade, Bruno Brasil (2012, p. 162-163) escreve: “A redação d’*O Pasquim* sofreu dois atentados a bomba [...] prisões e processos judiciais [...]. O semanário ainda veio a sofrer com a série de ataques explosivos a bancas de jornal”.

Algo que une intelectuais de diferentes inclinações é um desejo elementar por democracia, em oposição ao regime vigente, e não necessariamente um desejo de revolução comunista imediata. Conforme Heck (2015, p. 43), no período sob AI-5, “será em torno da ideia de democracia que intelectuais de diversas correntes unir-se-ão”. No caso dos colaboradores d’*O Pasquim*, ainda os une uma atmosfera, conquanto nem sempre sustentada, de amizade, descontração,

⁹ Ver, a respeito, Kucinski (2013).

informalidade e humor¹⁰, em oposição a um espírito capitalista “sério” e profissional. Tendo em mente a imprensa alternativa como um todo, Kucinski (2018, p. 13) afirma que, nos tempos do regime,

[u]ma notável aversão àquilo que Weber denominou de espírito capitalista foi outro traço marcante e denominador comum de todos os jornais ao longo do ciclo alternativo. Era algo que se originava do imaginário mesmo das esquerdas e da juventude da época, na sua oposição geral, não só ao regime militar como também ao próprio capitalismo.

O Pasquim alcança tiragens de mais de 200 mil exemplares em seu primeiro ano, uma façanha à época. Seu sucesso se deve a vários fatores. Um deles é a renovação da linguagem jornalística: uma linguagem tornada mais coloquial, leve, informal, marcada pelo recurso a corruptelas, muitas vezes a partir de palavrões, como *paca*, *pô*, *duca*, entre outros expedientes conferidores de informalidade, como hipocorísticos (ex.: “Sig”, a partir de Sigmund, nome do principal símbolo pictórico do semanário – um rato). Conforme Bruno Brasil (2012, p. 160), “[u]ma das principais contribuições do semanário ao mercado editorial brasileiro foi a oralização do texto jornalístico, até então sisudo e formal demais para uma considerável popularização de seu discurso”. Ainda quanto à qualidade dessa linguagem, Patrícia Marcondes de Barros (2007, p. 71) escreve:

A linguagem coloquial e desabrida seduzia, pois a escrita aproximava-se do jeito que se falava. O palavrão passou a valer. A palavra “bicha”, execrada pelo falso puritanismo, pôde finalmente ser impressa. As gírias e expressões [...] e as junções “olhaqui”, “sacumé”, “cumé”, “preu”, “praquilo” “prele”, viraram “moeda corrente”.

Outro fator de sucesso para o semanário é o uso abundante de imagens. As crônicas de Campos de Carvalho, por exemplo, quase sempre são acompanhadas de um desenho. Também se usam-se fotos com frequência. Talvez seja razoável acrescentar à enumeração desses fatores de sucesso, ainda, certo grau de erotismo presente nas páginas do semanário. Muitas edições – não todas – trazem no cabeçalho a advertência: “Recomendável para maiores de 16 anos”. A presença de fotos ou ilustrações de mulheres seminuas é recorrente, assim como piadas e

¹⁰ Quanto à informalidade presente entre os colaboradores d’*O Pasquim*, ver Brasil (2012).

temas relativos à sexualidade. Conforme Braga (1991, p. 26), “[s]endo caracterizado legalmente como jornal não recomendável para menores, a partir do número 60, a capa passa a indicar ‘Recomendável para maiores de 16 anos’”. Levando em consideração a sociedade moralista da época, trata-se de um erotismo ousado, e esse parece ser mais um traço distintivo e sedutor do semanário.

Na presente seção, procurou-se situar o leitor acerca do semanário em que Campos de Carvalho publica suas crônicas, sem grandes pretensões descritivas. *O Pasquim* é um semanário complexo: só no recorte temporal sobre o qual se debruça Braga (1991) – entre 1969 e 1982 –, o estudioso concebe seis fases no jornal. Esta seção apresentou apenas características gerais sobre *O Pasquim* dos anos de 1970. Agora, resta analisar a série de crônicas em tela.

3 A Série As Cartas de Campos de Carvalho

As Cartas de Campos de Carvalho tematizam as viagens do escritor mineiro à Europa, a países como França e Inglaterra. As viagens foram motivadas pelo fato de sua esposa, Lygia Rosa, ter recebido um diagnóstico médico indicando uma enfermidade severa (provado errôneo posteriormente). À época, o escritor estava aposentado, condição decerto propícia a viagens¹¹. As *Cartas* foram escritas alegadamente em 1972, porém publicadas n’*O Pasquim* somente entre dezembro de 1973 e abril de 1974. Numa coluna, junto à crônica de abertura, lê-se uma nota explicativa acerca da série:

Em 1972, [...] Campos de Carvalho mandou-se para a Europa e, de lá, mandou cartas para si próprio, na ausência de um correspondente à altura. Publicamos agora com absoluta exclusividade, algumas dessas missivas [...]. (CARVALHO, 1973, p. 19)

Portanto, haveria certo desencontro entre as cartas e sua publicação no semanário, uma disparidade temporal de uns dois anos.

¹¹ Para vários dados biográficos do escritor mineiro, ver Arantes (2010).

Aqui, analisa-se a série procurando responder à pergunta: podem-se depreender significados dela, levando em conta as características d'*O Pasquim*? Apesar do alegado desencontro temporal entre as crônicas da série e o semanário, será que elas não se relacionam com o jornal em alguma medida? Arantes (2010, p. 125) desconsidera essa questão em sua tese: “o que aqui interessa é a presença de Campos de Carvalho no jornal [*O Pasquim*] e não o jornal em si”. Similarmente, o livro organizado por Cláudio Figueiredo, com apresentação de Antonio Prata – ver Carvalho (2006) –, contendo todas as 11 crônicas dessa primeira série, tampouco contempla essa questão, despojando-as de sua qualidade de fonte primária, ao reorganizá-las no suporte livro. Sem dúvida, é totalmente possível e legítimo ler crônicas fora do suporte do jornal, porém esse não é o único modo possível de lê-las.

Levando em conta os dados da segunda seção deste trabalho, constatam-se nas *Cartas* algumas recorrências consistentes com as propriedades d'*O Pasquim*. A exposição a seguir considera cada uma das 11 crônicas.

Na primeira crônica da série, o narrador trata de suas tribulações numa viagem transatlântica de navio. Eis a abertura:

Meu caro.

Se você pretende viajar de navio para a Europa, compre hoje mesmo sua passagem de avião e se agarre a ela de unhas e dentes. O avião ainda é o meio de transporte mais rápido, sobretudo se está caindo – e o que maior conforto oferece, sobretudo à família. (CARVALHO, 1973, p. 19)

Considerando o jornal carioca, caracterizado pela oposição àquilo que Weber chamou de espírito capitalista¹², depreende-se da abertura da crônica uma apropriação e subversão da linguagem de anúncios publicitários, imbuídos desse espírito capitalista, caracterizado por uma racionalidade visando certos fins. Com efeito, os trechos “compre hoje mesmo sua passagem” e “o que maior conforto oferece, sobretudo à família” poderiam fazer parte de um anúncio publicitário. O primeiro trecho apresenta um verbo no modo imperativo, nada menos que “compre”, bastante comum em anúncios publicitários. Já a menção à família, no segundo trecho, também é sugestiva: com frequência, apela-se a essa instituição

¹² Ver, a respeito desse conceito, Weber (1971).

em propagandas. Outra palavra-chave no segundo trecho é “conforto”, vinculada ao avião, e é paradoxalmente usada depois de se atribuir letalidade a esse meio de transporte (“rápido, sobretudo se está caindo”). Observa-se, assim, que o trecho de abertura da crônica estabelece intertextualidade estilística¹³ com anúncios publicitários, assemelhando-se a uma paródia. A apropriação do discurso publicitário é feita jocosa e maliciosamente: apresentam-se duas alternativas de meios de transporte para a viagem à Europa – o navio e o avião; o primeiro é caracterizado, via contraste com o segundo, como lento e pouco confortável; já o segundo, como rápido, mas estando sujeito a cair. Vincula-se, então, sofrimento e morte à ideia da viagem para a Europa, usando procedimentos estilísticos do próprio discurso publicitário, realizando uma bem-humorada oposição ao espírito capitalista.

A segunda crônica da série tem como espaço a cidade de Paris. O narrador, na condição de turista, relata ter tido a chance de visitar o túmulo de Napoleão I, no Palácio dos Inválidos, mas não o visitou, dado o seu absoluto repúdio a toda e qualquer figura militarista: “[...] não fui nem pretendo ir visitar os Inválidos (todo Ditador ou Conquistador para mim se chama Hitler). [...] Fui visitar, sim, o Panthéon, mesmo porque fica exatamente no meu caminho” (CARVALHO, 1974a, p. 16). Esse não é o único trecho da crônica em que o narrador assinala sua oposição ao militarismo: após visitar o Panthéon, lugar relatado como excessivamente frio e desagradável, pôde o narrador contemplar com prazer até mesmo “a Delegacia de Polícia bem ali em frente, mais as grades na janela que são uma beleza incrível, e os belos guardas [...]” (CARVALHO, 1974a, p. 16). A partir desse expediente, o narrador expressa de novo, embora com maior sutileza, sua postura antimilitarista. Tendo em vista o semanário carioca, a crônica ganha sentido pois está num periódico de esquerda que faz oposição, ora mais incisivamente, ora menos, ao regime militar brasileiro. A crônica apresenta uma crítica de costumes franceses, porém não só, já que o militarismo pode ser encontrado também alhures, quer na Inglaterra, na Alemanha ou noutra parte: “todo Ditador ou Conquistador para mim se chama Hitler”; no Brasil,

¹³ O conceito de intertextualidade estilística aqui mencionado remete à tipologia de intertextualidade formulada por Koch *et al.* (2007).

naturalmente, inclusive. Não é necessário dizê-lo com todas as letras na crônica para que o leitor possa captá-lo, porém esse sentido torna-se mais captável se o leitor conhecer e considerar o suporte específico em que a crônica foi originalmente publicada – o semanário *O Pasquim*.

A terceira crônica da série se passa em Londres. O narrador descreve alguns traços dos ingleses. O que mais interessa aqui é um trecho em que o narrador faz uma crítica ao “puritanismo inglês”:

Comprar cigarro em Londres é um drama: você tem que ir à Escócia. Tem casa de tudo aqui perto do meu hotel, até de incenso indiano ou de figas da Guiné: só não tem tabacaria. Parece que o puritanismo inglês se fixou todo no combate ao fumo e ao tabagismo [...]. (CARVALHO, 1974b, p. 12)

O trecho remete a uma característica d'*O Pasquim*: a inclinação à crítica de costumes, como se vê presente na segunda crônica da série. Dessa vez, a crítica é endereçada a um traço cultural londrino que, segundo o narrador, tolhe a liberdade de certos indivíduos: os fumantes.

A quarta crônica da série também se passa em Londres. O narrador faz uma exposição ligeira e dinâmica sobre vários aspectos que lhe chamam atenção na cidade – o incrível frio, a falta de Sol, sua dificuldade de se comunicar em inglês –, fazendo lembrar o “colibri alencariano”¹⁴. Merece destaque, nessa variedade de assuntos, uma breve crítica de costumes, endereçada, agora, à juventude inglesa:

[...] o famoso *sense of humour* inglês está em vias de extinção [...]: a novíssima geração londrina julga-se engraçadíssima (parece que o mal é universal) e morre de rir com tudo que você faça ou deixe de fazer na rua: ser atropelado e morto, por exemplo. São uns jovens [...] que não fazem outra coisa na vida senão zombar das últimas coisas sérias ainda existentes, e que por morarem em Londres acham que o resto do mundo é uma corja de imbecis [...]. (CARVALHO, 1974c, p. 19)

¹⁴ José de Alencar, em sua rubrica hebdomadária ao *Correio Mercantil*, intitulada “Ao correr da pena”, publicou uma crônica em 24 de setembro de 1854, na qual reflete sobre o gênero crônica. Ele compara o cronista ao colibri, por seu caráter errático: detém-se por um tempo nalgum ponto, depois vai a outro. Ver, a respeito, Marcus Vinicius Nogueira Soares (2014).

Ao longo da série, em meio a amenidades e aparentes “conversas fiadas”, o narrador costuma tecer reprovações a traços culturais, algo consistente com uma das características marcantes d’*O Pasquim*, a crítica de costumes.

A quinta crônica da série, cujo espaço ainda é Londres, trata, como a anterior, de mais de um assunto, lembrando o colibri alencariano; mas é interessante notar como no parágrafo final a crítica de costumes reemerge, reafirmando-se como traço recorrente e importante na série. No seguinte trecho, o narrador mostra sentir-se incomodado com a situação injusta e desigual a que são submetidas duas sentinelas no Palácio de Buckingham:

Hoje [...] fiquei perplexo diante do Palácio de Buckingham bem uns vinte minutos – vendo as duas sentinelas imóveis como dois soldadinhos de chumbo sob um frio de rachar: enquanto lá dentro a Família Real naturalmente lia histórias em quadrinhos ou tomava chá, em vez de tomar providências contra tamanho absurdo. Por que em lugar daqueles dois infelizes não põem logo dois autômatos de verdade, que pelo menos não sentem o frio nem sentem a vergonha, é o que eu não compreendo [...]. (CARVALHO, 1974e, p. 23)

A sexta crônica da série abre assim:

This is London. Ainda, pô! Uma cidade [...] onde às três horas todos os bancos fecham: não que eu tenha nada a fazer neles, mas é sempre uma esperança, pô! – onde das 15 às 17,30 você não pode beber uma só gota de álcool em nenhum lugar público, mesmo que pague todo o ouro do mundo [...]. (CARVALHO, 1974f, p. 19)

Há, nesse trecho, o uso da corruptela “pô” a partir do palavrão porra, e, portanto, um alinhamento da linguagem da crônica com a linguagem d’*O Pasquim*. Ao contrário das pessoas moralistas, também chamadas caretas, o narrador mostra-se receptivo e aberto ao uso do palavrão. Também se percebe no trecho uma crítica àquele mesmo “puritanismo inglês” mencionado na terceira crônica da série, relativo à dificuldade de se comprar cigarros em Londres. Na sexta crônica, o narrador retoma e amplia a crítica de costume da terceira, aponta de passagem a proscrição do álcool em lugares públicos em certos horários e expressa achar esse costume um absurdo desconcertante, como os horários dos bancos e outros aspectos da cidade.

Na sétima crônica, o narrador tece comentários (misóginos) sobre a mulher inglesa, concluindo que “Deve ser horrível você ser casado com uma inglesa” (CARVALHO, 1974g, p. 18). A menção ao casamento serve de “gancho” para ele começar a falar da instituição do casamento, à qual ele se posiciona contrariamente. No parágrafo final, o narrador atenua seu libelo um tanto dissimulado contra o casamento, admitindo ser ele mesmo casado há tempo e estar ainda apaixonado pela mesma mulher. Como na crônica anterior, pode-se constatar, em meio a um texto bem-humorado, fluido e dinâmico, uma rápida e discreta crítica de costumes. Dessa vez, ela é endereçada à fé religiosa: “[...] tenha [...] em mente que a fé remove até montanhas, embora até hoje não se tenha notícia de nenhuma montanha removida [...]” (CARVALHO, 1974g, p. 18). Mais uma vez, vê-se robustecida a ideia da importância da crítica de costumes na série, pois se trata de uma recorrência, e uma recorrência intimamente ligada às características d’*O Pasquim*.

Da oitava crônica, destaque-se a comparação feita pelo narrador entre o inglês e o francês, apontando este como mais dado à leitura que aquele:

[...] o inglês não lê nem cartão de visita. Só consegui ver uma livraria até agora, numa rua escura e meio suspeita [...]. O parisiense (o francês) pode ter todos os defeitos do mundo, mas vive com o nariz enfiado num livro, quando não o tem evidentemente enfiado noutro lugar. (CARVALHO, 1974h, p. 19)

No trecho, é apreensível uma crítica de costume. Ela remete à ausência do hábito de leitura do inglês, conforme aponta o narrador. Ela, como outras na série, é esteticamente trabalhada, apresentando o uso de uma hipérbole – “o inglês não lê nem cartão de visita”. Hipérboles recheiam a série, conferindo-lhe humor e, assim, suavizando as recorrentes críticas de costume tecidas pelo narrador. Pode-se defender que boa parte da série é construída através de um equilíbrio entre humor e crítica de costume, entre o “cômico” e o “sério”. Ou, para formulá-lo melhor, entretecendo esse aparente par de oposição num todo nem sempre dissociável.

Na nona crônica, o narrador expressa seu desejo de voltar ao Brasil. Julga ser momento prudente para voltar, pois está ficando sem dinheiro. Além do mais, é Natal. O Natal serve de “gancho” para ele expressar sua oposição a esse costume

e evento cristão: “[...] Pesou também no caso a época natalina, embora eu deteste o Natal. [...] Acrescente-se que, mesmo sem Natal, Londres já se ia tornando insuportável” (CARVALHO, 1974i, p. 15). O narrador, desse modo, assinala não abraçar os mesmos costumes prevalecentes da sociedade, quer na Inglaterra, quer em boa parte do mundo, porquanto o cristianismo, em sua condição de “religião universal”, não conhece limites nacionais¹⁵. Como na sétima crônica, o narrador dá a entender que não tem fé. Um último motivo para querer voltar, segundo ele, é que “Depois, já estou cansado de ser atropelado, pô” (CARVALHO, 1974i, p. 15). O uso da corruptela “pô”, como na sexta crônica, reforça sua oposição ao moralismo e à caretice. A oposição ao cristianismo e o uso da corruptela “pô”, na crônica, são consistentes com as propriedades do semanário carioca.

Na décima crônica da série, o narrador trata do francês, que faz tudo muito rápido. Observa-se o desconforto do narrador ante esse costume e ficam sugeridas suas saudades do Brasil: “Diante dessa correria toda do parisiense é que descobrimos como nós brasileiros somos inteligentes e civilizados (o paulista é europeu, não é brasileiro)” (CARVALHO, 1974j, p. 17). Mais uma vez, uma crítica de costumes emerge.

A décima primeira crônica fecha a série assumindo um tom intimista. A entidade do narrador é atenuada e a voz autoral ganha força. O autor-narrador expressa sua vontade de voltar ao Brasil e escrever um grande livro – ver Carvalho (1974k). Assim, a crônica destoa bastante das demais da série.

Buscou-se, aqui, sondar vínculos entre a série das “Cartas” do autor mineiro e as características do jornal *O Pasquim*. Não parece haver um tema ou expediente formal atravessadores de toda a série. No entanto, nela pode-se sublinhar a crítica de costumes, presente na maioria das crônicas. Juntamente com o humor e a linguagem relativamente informal e desinibida, trata-se de três recorrências importantes caracterizadoras dessa série de crônicas.

¹⁵ Ver, acerca do conceito sociológico de “religião universal”, Renato Ortiz (2006).

Referências

AMADO, Jorge. Préface. In: CARVALHO, Campos de. *La lune vient d'Asie*. Paris: Albin Michel, 1976. p. 9-11.

AMADO, Jorge. Prefácio: José Olympio e Campos de Carvalho, singulares. In: CARVALHO, Campos de. *Obra Reunida*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. p. 10-12.

ARANTES, Geraldo Noel. *Campos de Carvalho*: inéditos, dispersos e renegados. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270214/1/Arantes_GeraldoNoel_M.pdf. Acesso em: 8 dez. 2019.

ARANTES, Geraldo Noel. *Campos de Carvalho*: Literatura e Deslugar na ficção brasileira do século XX. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2010. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270338/1/Arantes_GeraldoNoel_D.pdf. Acesso em: 8 dez. 2019.

BARROS, Patrícia Marcondes de. “*Provocações brasileiras*”: a imprensa contracultural made in Brazil – Coluna Underground (1969-1971), Flor do Mal (1971) & A Rolling Stone brasileira (1972-1973). Tese (Doutorado em História e Sociedade) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103166/barros_pm_dr_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 1 fev. 2020.

BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os Anos 70*: Mais pra Epa do que pra Oba. Brasília: Ed. UnB, 1991.

BRASIL, Bruno. A breve história e a caracterização d’*O Pasquim*. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n. 6, p. 159-176, 2012.

CARVALHO, Campos de. “*O século da criança*”. *A Plebe*, a. 2, n. 71, p. 2, set. 1934. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/jornais/plebe/pdf/1934/71.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2020.

CARVALHO, Campos de. *Banda Forra – ensaios humorísticos*. São Paulo: Estabelecimento Gráfico Cruzeiro do Sul, 1941.

CARVALHO, Campos de. *Tribo*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1954.

CARVALHO, Campos de. *A lua vem da Ásia*. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

CARVALHO, Campos de. *Os Trilhos*. *Revista Senhor*, a. 2, n. 1, p. 67-70, jan. 1960.

CARVALHO, Campos de. *Vaca de nariz sutil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

CARVALHO, Campos de. *A chuva imóvel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

CARVALHO, Campos de. *O púcaro búlgaro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

CARVALHO, Campos de. As Cartas de Campos de Carvalho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, a. 5, n. 234, p. 19, dez. 1973. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pasta=ano%20197&pesq=%C3%A0%20do%20nautilus>. Acesso em: 28 jan. 2019.

CARVALHO, Campos de. As Cartas de Campos de Carvalho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, a. 6, n. 235, p. 16, jan. 1974a. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=%22Paris,%20outubro%2072%22>. Acesso em: 28 jan. 2020.

CARVALHO, Campos de. As Cartas de Campos de Carvalho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, a. 6, n. 236, p. 12, jan. 1974b. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=%22londres,%20novembro%2072%22>. Acesso em: 28 jan. 2020.

CARVALHO, Campos de. As Cartas de Campos de Carvalho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, a. 6, n. 238, p. 19, jan. 1974c. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=%22Isto%20sim%20%C3%A9%20uma%20cidade%20londrina%22>. Acesso em: 28 jan. 2020.

CARVALHO, Campos de. Bilhete aberto a um professor de fisiologia e doenças pulmonares". *O Pasquim*, Rio de Janeiro, a. 6, n. 241, p. 21, fev. 1974d. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=%22professor%20de%20fisiologia%22>. Acesso em: 30 jan. 2020.

CARVALHO, Campos de. As Cartas de Campos de Carvalho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, a. 6, n. 242, p. 23, fev. 1974e. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=%22como%20bom%20turista,%20ali%C3%A1s,%20tenho%20sido%22>. Acesso em: 31 jan. 2020.

CARVALHO, Campos de. As Cartas de Campos de Carvalho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, a. 6, n. 244, p. 19, mar. 1974f. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=%22This%20is%20London.%20Ainda%20p%C3%B4%22>. Acesso em: 31 jan. 2020.

CARVALHO, Campos de. As Cartas de Campos de Carvalho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, a. 6, n. 245, p. 18, mar. 1974g. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=%22dinheiro%20ingl%C3%AAs%22%20Einstein>. Acesso em: 31 jan. 2020.

CARVALHO, Campos de. As Cartas de Campos de Carvalho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, a. 6, n. 246, p. 19, mar. 1974h. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=%22o%20frio%20aqui%20%C3%A9%20tanto%22>. Acesso em: 31 jan. 2020.

CARVALHO, Campos de. As Cartas de Campos de Carvalho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, a. 6, n. 247, p. 15, mar./abr. 1974i. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=%22No%20Entry%20mesmo%22>. Acesso em: 31 jan. 2020.

CARVALHO, Campos de. As Cartas de Campos de Carvalho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, a. 6, n. 249, p. 17, abr. 1974j. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=%22maionese,%20rapadura%22>. Acesso em: 31 jan. 2020.

CARVALHO, Campos de. As Cartas de Campos de Carvalho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, a. 6, n. 251, p. 12, abr. 1974k. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=%22disserte%20vaca%20mo%C3%A7a%22>. Acesso em: 31 jan. 2020.

CARVALHO, Campos de. Os Anais do Campos de Carvalho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, a. 6, n. 253, p. 21, maio 1974l. Disponível em:
[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=%22alienado%20\(mental\)%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pesq=%22alienado%20(mental)%22). Acesso em: 31 jan. 2020.

CARVALHO, Campos de. *Cartas de viagem e outras crônicas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HECK, Caroline Rafaela. *Qual o Campo(s) de Carvalho? A literatura e a política no Brasil entre 1956 e 1977 pelo autor e sua obra*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/132390/000983671.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 jan. 2020.

KOCH, Ingedore G. Villaça *et al.* *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

KUCINSKI, Bernardo. *Pau de arara: a violência militar no Brasil*. São Paulo: Edição Perseu Abramo, 2013.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: Nos Tempos da Imprensa Alternativa*. 3. ed. São Paulo: Ed. USP, 2018.

NEVES, Juliana Pacheco Oliveira. *Vaca, Tempo, Guerra, Soldado, Nariz, Cemitério: o caleidoscópio de Campos de Carvalho*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: http://portal.uneb.br/ppgel/wpcontent/uploads/sites/112/2019/07/pacheco_juliana.pdf. Acesso em: 26 jan. 2020.

ORTIZ, Renato. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PRATA, Antonio. Apresentação. In: FIGUEIREDO, Cláudio (org.). *Campos de Carvalho: cartas de viagem e outras crônicas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 7-13.

SILVA, Thalita Cristina. *Lúcida loucura: tempo, espaço e trajetória em “A lua vem da Ásia”*, de Campos de Carvalho. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal de Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/23136/5/L%C3%BAcidaLoucuraTempo.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2020.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. *A crônica brasileira do século XIX: uma breve história*. São Paulo: Realizações, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WEBER, Max. *The Protestant Ethics and the Spirit of Capitalism*. Londres: Unwin University Books, 1971.

Artigo recebido em 17 de março de 2020 e aceito em 22 de maio de 2020.